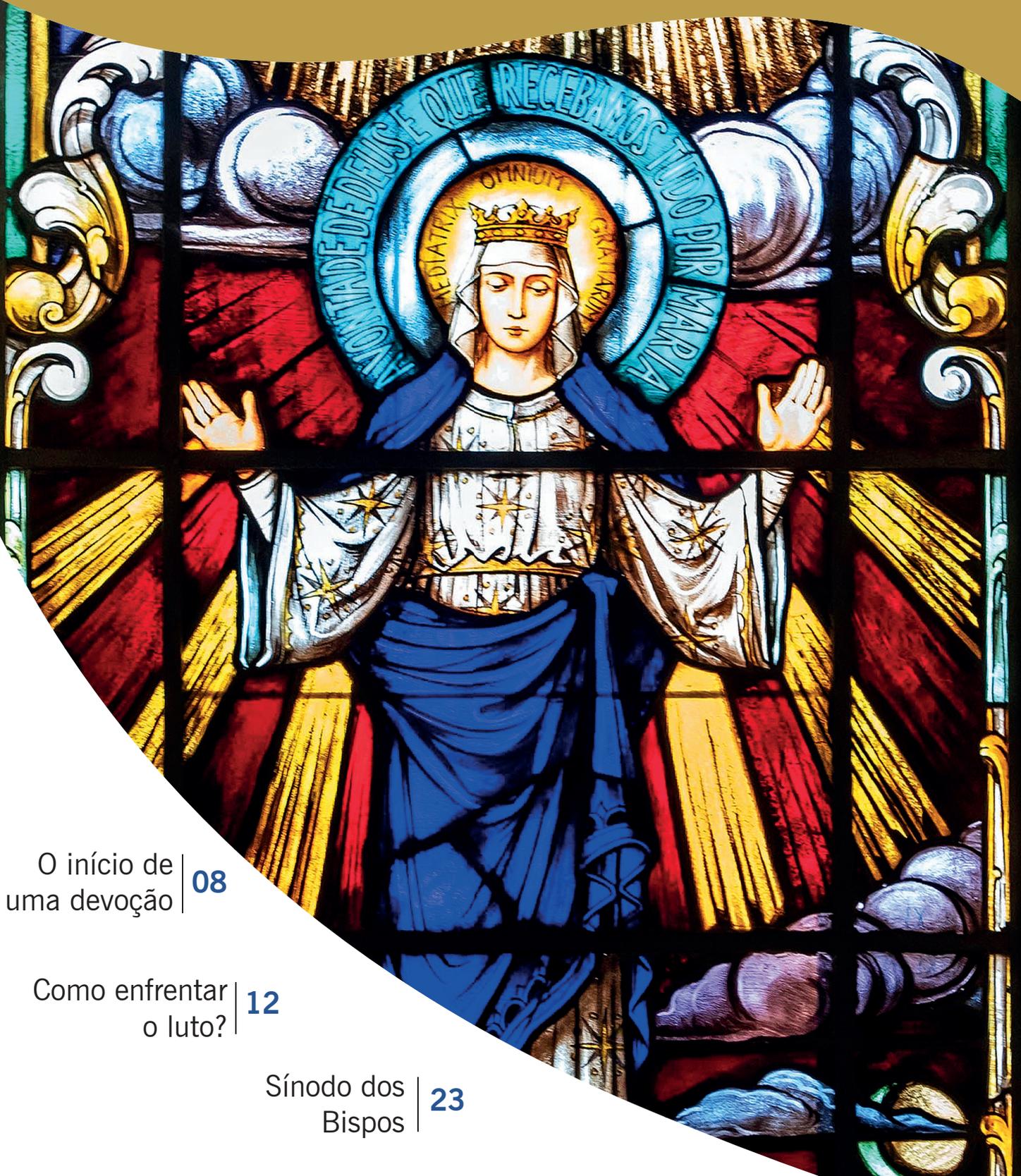


O Santuário



ARQUIDIOCESE DE
**SANTA
MARIA**

Ano 44 - NOVEMBRO 2021



O início de
uma devoção | **08**

Como enfrentar
o luto? | **12**

Sínodo dos
Bispos | **23**

A presença da Medianeira em Santa Maria



Dom Leomar Antônio Brustolin

Quando chega o mês de novembro, a Igreja de Deus que está em Santa Maria se reveste de fé e alegria para celebrar a Medianeira de todas as graças. O santuário-basílica torna-se meta de muitos devotos e romeiros que buscam paz e força. É tempo de Romaria. O peregrino sabe que a caminhada é, antes de tudo, uma realidade interior que tende ao encontro com Deus. Quem caminha rumo ao santuário, na verdade está à procura da sua realidade mais íntima e mais profunda. Aquele que crê vive como um andarilho, não quer instalar-se no provisório. Experimenta a vida como uma contínua peregrinação, uma procura da fonte existencial que sacia sua sede. Quem vai à Medianeira espera e confia em Deus, que enviou seu Filho ao mundo para salvar a humanidade. Salvar do pecado e da morte, salvar e curar, libertar e oferecer novas oportunidades.

Aos pés da Medianeira depositam-se sonhos e pedidos, angústias e esperanças. No coração da Mãe de Jesus tudo é acolhido. Nem todos os pedidos são atendidos como se pretende, mas ninguém sai de

mãos vazias. A consoladora dos aflitos, saúde dos enfermos e refúgios dos pecadores volta seu olhar de mãe sobre cada filho e filha que a ela recorre em prece. A Medianeira não é mera lembrança da mãe de Jesus, na verdade ela é presença na vida de cada cristão. Ela leva a Jesus nossa prece, Ele que dela nasceu. Assim, ela mostra que é nossa mãe, que Ele mesmo nos deu como grande testamento do seu amor por nós. No alto da cruz, antes de morrer, ele olhou para o discípulo João e disse: “Eis tua mãe!” Naquele momento histórico, a maternidade de Maria alargou-se de tal modo que todo o que crê em Jesus ganha uma singular e especial mãe: Maria.

Ela acolhe seus filhos, escuta seus lamentos e preces e manifesta sinais de sua ternura, atenção e intercessão. As curas corporais acontecem, mas são excepcionais e raras. O que mais se percebe são as curas do coração, oferecidas a todos; cada um as recebe conforme sua necessidade. A vida cristã é feita de sucessivas conversões. Se por um lado é possível constatar e se admirar pelos milagres de curas físicas, dificilmente se contabilizará as curas interiores, que são numerosas.

A Romaria da Medianeira altera a rotina de Santa Maria e testemunha que o ser humano não foi feito para viver e morrer, mas para viver e vencer a morte na páscoa de Cristo. Saboreando nele o amor de Deus, os crentes reconhecem que ainda estão a caminho. É como se a Basílica visível re-

metesse à edificação invisível, maior e mais plena: a Jerusalém celeste, o Reino da Trindade. O santuário faz o cristão desejar o céu.

Ao presidir a Romaria da Medianeira, pela primeira vez na condição de Arcebispo de Santa Maria, quero suplicar à Nossa Senhora um tempo de paz e saúde para todos os devotos e romeiros, mas sobretudo, quero pedir à Virgem Mãe que renove nossa Igreja no Evangelho e nos torne instrumentos da caridade de Cristo para o mundo. Que ela continue sendo *nosso íris em meio à procela!!!*

EXPEDIENTE

Fundado em 1º de janeiro de 1977

Publicação da Arquidiocese de Santa Maria e do Santuário Basílica da Medianeira

Rua Silva Jardim, 2038
Santa Maria/RS
CEP 97010 492 - Cx Postal 17
Tel: (55) 3029 6238

ascom@arquism.com.br
www.diocesasantamaria.org.br

Fundadores:

Padre Afonso Koerbes S. J.,
Moacir F. Nogueira e
Taylor Fagundes.

Direção:

Dom Leomar Antônio Brustolin

Revisão:

Padre Jair de Bairros Gomes
e Bruno Grooss da Silva

Diagramação:

Dirce J. Marchiori

Jornalista responsável:

Luciana Falcão Mtb/RS 20459

Impressão: Gráfica Pallotti
Santa Maria/RS – (55) 3220 4500
Circulação dirigida

Tiragem 2500 exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

AGENDA DO ARCEBISPO EM NOVEMBRO

- 01 – Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra da Glória
- 02 – Trezena da Medianeira na Paróquia São João Evangelista
- 03 – Reunião da Comissão de Doutrina da Fé
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra Aparecida
- 04 – Formação no Seminário Maior
– Trezena da Medianeira na Paróquia da Ressurreição
- 05 – Reunião do Conselho Econômico
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra das Dores
- 06 – Celebração em honra à Bem-aventurada Bárbara Maix Irmãs ICM
– Encontro da Academia Marial
– Trezena da Medianeira na Paróquia Santo Antônio (Patronato)
- 07 – Missa na Paróquia São João Batista, em Formigueiro
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra de Fátima
- 08 – Visita ao Banco da Esperança
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra do Bom Fim
- 09 – Encontro Ecumênico
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra do Rosário
- 10 – Trezena da Medianeira na Paróquia São José do Patrocínio
- 11 – Formação no Seminário Maior
– Trezena da Medianeira na Paróquia N. Sra do Perpétuo Socorro
- 12 – Trezena da Medianeira na Paróquia Santa Catarina
- 14 – Romaria da Medianeira
– Almoço do Dia do Pobre
- 16 – Encontro com os prefeitos dos municípios da Arquidiocese
- 18 – Formação no Seminário Maior
- 20 – Pacto Educativo Global
– Assembleia Nacional do Cursillo
- 21 – Encontro do Celam (21 a 28/11)
– Missa N. Sra da Saúde, em Silveira Martins
- 23 – Reunião na FAPAS
- 25 – Formação no Seminário Maior
- 27 – Ingresso de jovens no Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt
- 27 – Crisma em Dona Francisca
- 28 – Crisma – N. Sra da Glória
- 29 e 30 – Encontro de (Arce) Bispos do Rio Grande do Sul em Passo Fundo.

Dom Leomar em outubro



Dia 2 - Encontro com as lideranças de Pastorais, Setores, Serviços e Movimentos atuantes nas paróquias e comunidades da Arquidiocese.

Dia 4 - Reabertura oficial e sagração na Capela Santa Isabel da Hungria, no Hospital Casa de Saúde.



Dia 6 - Celebração da Festa de São Bruno na Cartuxa de Ivorá, ocasião em que visitou pela primeira vez, como arcebispo, a comunidade contemplativa.



Dia 7 - Acompanhado pelo padre Marcelo, capelão, foi recebido pelo Cel. Wilson e Cel. Charone e conheceu a Base Aérea e as diversas atividades lá desenvolvidas.



Dia 9 - Participação na FEICOOP realizada no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter.



Porque a Virgem Maria pode ser Medianeira?

Dom Leomar Antônio Brustolin

A veneração e a fé na mediação de Maria derivam do próprio Evangelho. Fundamenta-se na participação de Maria como cooperadora singular da Santíssima Trindade desde a Encarnação do Filho de Deus até se completar a obra da Redenção na cruz e ressurreição. No centro de todo desígnio de salvação de Deus está Jesus Cristo, o Verbo feito carne que recebeu de Maria total e efetiva colaboração.

Maria, por exemplo, levou Jesus até Isabel e aproximou Jesus e João Batista antes de ambos nascerem. Outro exemplo é sua participação nas Bodas de Caná, quando Maria constata uma necessidade, remete a Jesus a situação e exorta os servos da festa para fazerem tudo o que Jesus mandar. Sua mediação impeliu a Jesus a mostrar os sinais da salvação, prefigurando a hora final da cruz. Aos pés do Crucificado, Maria recebe a universalização de sua maternidade sobre toda a humanidade quando ela recebe os discípulos de Jesus, de todos os tempos, prefigurados em João, ao ouvir do Crucificado: *eis aí o teu filho!*

Ao longo da tradição cristã, inúmeras vezes os seguidores de Jesus pediram a colaboração da Virgem Mãe de Deus. Especialmente o hino Stela Maris sintetiza essa súplica de mediação: *“Leva a Jesus nossa prece, ele que ti nasceu. Mostra que és nossa mãe, a mãe que ele nos deu”*.

A festa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi instituída para toda a Igreja pelo Papa Bento XV em 1921.



A fé na mediação da Mãe já estava bem expandida entre todos os povos cristãos e a devoção se difundiu rapidamente. O título de Medianeira jamais coloca Maria em um nível de igualdade com Jesus Cristo, que é o único mediador entre o céu e a terra. A missão de Maria em nada obscurece nem diminui a mediação única de Cristo. Maria coopera na obra do seu Filho e Redentor para, como em Caná, estimular os servidores do Cristo a ouvir e praticar sua Palavra e para levar a Deus as nossas súplicas e necessidades.

Um antigo papiro encontrado entre as areias do Egito, no ano de 1938, contém uma oração que possivelmente seja a mais antiga prece mariana que chegou até nossos dias.

É um texto do terceiro século que expressa como os cristãos dos primeiros tempos confiavam na intercessão mediadora da Mãe de Deus:

À vossa proteção recorreremos, Santa Mãe de Deus; não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita. Amém.

A Arquitetura da Basílica

Pe. Enio Rigo

O Doc. 106 da CNBB apresenta as “Orientações para projeto e Construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo.” Dom Armando Buccioli, na apresentação, lembra que, quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone, uma imagem viva e moldada pela liturgia e é, por si mesma, mistagógica. O espaço no qual se reúnem as pessoas de fé para ouvir a Palavra e celebrar os sagrados mistérios da salvação é a singular imagem da Igreja, templo de Deus edificado por pedras vivas.

O Santuário-Basílica da Medianeira, inaugurado em 15 de agosto de 1985, quis ser uma expressão da Liturgia e da Eclesiologia do Vaticano II. Três bispos acompanharam e apoiaram a sua construção: Dom Victor L. Sartori, Dom Érico Ferrari e Dom Ivo Lorscheiter.

Alguns aspectos de sua iconografia no Espaço Celebrativo¹, a arquitetura de conjunto foi inspirada no chamado arco romano perfeito, usado nas edificações de igrejas desde a antiguidade até o final do primeiro milênio. A hierofania (manifestação reveladora do sagrado) que se refletirá na teologia, no ritual, na espiritualidade, na música e no comportamento das pessoas.

No altar há duas relíquias: Santa Maria Goretti, e São Vicente Ferrer. Há duas Capelas, uma, à direita de quem entra, onde está o quadro original da Medianeira, pintado em

1930, pela irmã franciscana Ida Stefani e a outra, à esquerda, com a Capela do Santíssimo, lugar da adoração.

Elevando os olhos, para as paredes, vemos grandes blocos de cimento e vidro, feitos pela empresa de Emílio Zanon, que são uma grande catequese sobre **a vida mariana, a teologia da Mediação e um relato sobre a devoção à Medianeira.**

O grande painel mostra tanto à esquerda quanto à direita as oito invocações de Maria: Mãe dos Aflitos, Mãe dos Apóstolos, Mãe da Igreja, Mãe de Deus, Mãe dos Homens, Mãe da Graça, Mãe dos Pecadores, Mãe dos Pobres.

Sobre a Teologia da Mediação, com dois painéis ao fundo: à direita e à esquerda: Medianeira no Mistério da Encarnação; Medianeira na Visitação; Medianeira no Natal de Jesus; Medianeira na Apresentação; Medianeira na Família; Medianeira nas Bodas de Caná; Medianeira aos pés da Cruz; Medianeira na vinda do Espírito Santo.

Retratando a história da devoção está um painel, acima da porta central e à direita de quem entra, está o Frater Ignácio Valle e o Antigo Seminário São José, no centro, a Revolução de 1930 e, à esquerda, a bênção da pedra fundamental do Santuário-Basílica e a inauguração do Altar-Monumento por Dom Albino Luciani com os romeiros em direção ao Santuário.

1 - CNBB. Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo, p. 10.



“A Medianeira nos salvou!”

Profª Drª Marta Rosa Borin
PPGH/PPGPC/UFSM

A exclamação que alude ao poder místico de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, é atribuída ao jesuíta Inácio Rafael Valle diante da eminência da guerra civil de 1930, quando em Santa Maria, juntamente com os seminaristas, passou a invocá-la pedindo pela proteção da cidade. Os jornais da época indicavam que as cidades seriam atacadas pelos revoltosos, mas como isto não aconteceu em Santa Maria o fato foi atribuído às orações de suplica à Medianeira. O prodígio de tal invocação resultou na organização das romarias em honra à virgem.

O assassinato de João Pessoa, em julho de 1930, candidato a Vice-Presidente da República na chapa de Getúlio Vargas, provocou uma revolução armada contra o governo de Washington Luiz. O movimento, que eclodiu em 03 de outubro de 1930, levou Washington Luiz a entregar o poder a uma junta militar,

aconselhado por D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro. Getúlio Vargas assumiria o poder provisoriamente em novembro.

Segundo o Diário do Interior de 1930 a Revolução ocorreu na cidade sem que a população local sofresse um enfrentamento militar e a ênfase à devoção mariana foi sendo publicada na coluna “Vida Religiosa”, onde eram divulgadas as novenas e reuniões dos devotos para a oração do terço, rezado ininterruptamente no Seminário São José diante da Imagem de Nossa Senhora Medianeira. Pediam pela paz no Brasil e agradeciam a proteção à cidade.

Essa manifestação católica ficou conhecida e moveu um grupo de pessoas a pedir às autoridades eclesásticas a organização de uma romaria oficial à Virgem Medianeira, por ter atendido ao pedido dos devotos para que os quartéis locais não aderissem à Revolução. Assim, o vigário capitular, Luiz Scortegagna,

pediu à Santa Sé o privilégio da festa em honra de Nossa Senhora Medianeira para a diocese de Santa Maria. A resposta afirmativa chegou em novembro de 1929, quando o Papa Pio XI concedeu à Santa Maria a prerrogativa da festa da Medianeira com missa, ofício e breviário próprios, agregado ao calendário litúrgico da diocese de Santa Maria, em maio de 1930.

A devoção mariana encorajou a população da cidade, pois, o perigo iminente do agnosticismo e do comunismo teria uma resposta concreta, com muitos fiéis em procissão rezando em voz alta, publicizando a crença de que a cidade teria a proteção divina. Para abrigar o povo devoto e o quadro com a imagem da Virgem milagrosa, o ideal seria a construção de um “grandioso santuário”.

O propósito foi tomando vulto e a devoção a Nossa Senhora Medianeira que se consolidou a partir de Santa Maria, em 1931, tomava dimensões nacionais em 1939, quando os líderes religiosos católicos lograram que ela fosse reconhecida como Padroeira dos operários. Assim, essa devoção não representava somente o invisível, o miraculoso, o transcendente, mas a ação concreta em benefício do povo. Ela era modelo, símbolo de aprovação e aceitação, por parte não somente dos devotos, mas também do governo brasileiro, pois Inácio Valle, ao divulgar, a devoção à Nossa Senhora Medianeira, legitimava o catolicismo no Rio Grande do Sul.

A “sacralização do mundo” incluía os operários, lembrados e defendidos na *encíclica Rerum novarum*. A Igreja demonstrava à classe que o clero não estava restrito ao pietismo, às orações oficiais e populares, mas que através do seu corpus podia alertar os dirigentes também sobre outras questões, como a justiça no trabalho. A Encíclica *Rerum novarum*, publicada em 1891, pelo Papa Leão XIII (1878-1903) definiu a Doutrina Social da Igreja Católica defendendo os direitos dos trabalhadores, da organização de associações e as responsabilidades do capital e do trabalho na promoção do ser humano.



A devoção mariana foi ao encontro das preocupações da população católica da cidade, da diocese e do Estado, pois o clero legitimou, juntamente com a população católica local, a iniciativa do jesuíta, dotando a cidade de uma devoção mariana, que teria poupado do ataque dos revoltosos, em 1930.

A análise do episódio, justifica manter a devoção pautada naquele prodígio, pois algumas famílias rezaram com o padre Valle e os seminaristas pela proteção da cidade, nos meses que antecederam à Revolução. Assim, o jesuíta Inácio Valle atribuiu à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças a vitória contra os revolucionários, sem prejuízos à população, um poder difícil de ser combatido pelo seu valor subjetivo, religioso e sobrenatural.



O início de uma devoção

Diác. Junior Lago

Medianeira e, em sua honra, faz uma fervorosa novena pedindo pela sua saúde, para que chegasse ao sacerdócio. Nas palavras dele: “A novena me agradou tanto que, ao terminá-la, tomei a resolução de vida de dedicar-me totalmente à devoção e à doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima”.

Nessa época, em Santa Maria respirava-se o ar da inauguração do Seminário Menor São José, que aconteceu em 28 de fevereiro de 1926; tudo muito incipiente, com dificuldades, mas com muita fé. Em 1928, o “frater Valle”, chegou à Santa Maria para, no novo Seminário, ser o responsável pelos estudos dos seminaristas menores. O jovem jesuíta cultivava uma devoção especial para com a Mãe de Deus. Porém, a novidade era o título com que se dirigia a Santíssima Virgem: Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

Através dos sermões marianos, das missas votivas, das cartas incessantemente enviadas aos seminários do país, do hino, do quadro, da proposta da construção de um Santuário dedicado à Nossa Senhora Medianeira, entre outros elementos, a devoção começou a ganhar um contorno expressivo na vida do seminário e da comunidade diocesana. Até que o patrocínio da Mãe Medianeira se fez ver em escala maior: “a proteção da cidade contra a revolução de 1930”. Quando um grupo de mulheres piedosas foi à capela do Seminário para que a Medianeira livrasse a cidade de Santa Maria das balas. A revolução acabou e em Santa Maria nenhuma arma foi disparada.

A memória da origem da devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças em Santa Maria, em primeiro lugar, implica em compreender que “Medianeira” se trata de um “título” dado à Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe. Este título de Maria é muito antigo, provavelmente pós concílio de Éfeso (431 d.C.), e que ao longo da história da Igreja recebeu variadas ênfases, sobretudo, no século XX. Quando, em 1921, o então Papa Bento XV, aprovou a “Missa de Maria, Medianeira de Todas as Graças” elaborada pelo Cardeal Mercier, da Bélgica; e ainda, permitiu que se celebrasse esta Missa onde os bispos solicitassem.

Enquanto isso, no Brasil, em Nova Trento – SC, um jovem, chamado Ignácio Raphael Valle, vivendo sua infância à sombra do Convento de Madre Paulina, decide ser sacerdote na Companhia de Jesus, os jesuítas. No noviciado, Ignácio Valle ouve falar da nova festa de Nossa Senhora

**+30 cursos
de graduação**

INSCRIÇÕES
ATÉ 11 DE NOVEMBRO
ufn.edu.br

**VESTI-
BULAR**
DE VERÃO UFN

**Protagonize
seu futuro.**





Romaria da Medianeira

Pe. Ruben Dotto

Todos os anos milhares de devotos participam de uma das principais celebrações religiosas do Rio Grande do Sul, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira, que reúne fiéis oriundos das mais diversas localidades, em Santa Maria.

O trajeto inicia na Catedral Metropolitana e percorre cerca de três quilômetros pelas principais ruas da cidade. Tradicionalmente, há nas mãos dos devotos inúmeras expressões de fé. Atitudes que ilustram as incontáveis graças alcançadas. A procissão se encerra no Santuário, onde uma missa campal finaliza os festejos devocionais.

Organizar um evento do porte da Romaria exige planejamento para receber bem os visitantes, disponibilizar alimentação, adequar o espaço físico e fazer a preparação religiosa e espiritual. Além dos funcionários, centenas de voluntários se congregam em torno do evento. São pessoas que chegam de todos os lugares, vindos de cidades da região e de localidades mais distantes, movidos pela sua própria fé ou pela tradição familiar recebida de seus antepassados.

No entanto, em 2015, um ano marcado pelo fenômeno *El Niño*, a chuva atingiu a cidade e deixou os organizadores aflitos. Mais uma vez, súplicas foram feitas à Medianeira para que olhasse para seus filhos e filhas, para que as festividades transcorressem normalmente. O domingo amanheceu ensolarado e a Romaria ocorreu como previsto. Assim que os romeiros estavam seguros em seus ônibus um temporal caiu sobre a cidade e mais uma graça foi atribuída à Mãe.

Além da preparação do espaço físico, acontece principalmente, a preparação espiritual, quando diversos padres ficam à disposição para o sacramento da reconciliação, na cripta da Basílica. Reafirmando a condição de que uma romaria católica não acontece sem confissão, ação indispensável para que as pessoas adquiram a indulgência plenária.

Realizar a Romaria é um ato de fé, esperança e amor, onde abraçados por Maria, nos sentimos unidos a Jesus.

Quem foi Miriam de Nazaré?

Dom Leomar Antônio Brustolin

Maria é a forma greco-latina do que em hebraico se traduz por Miriam; mesmo nome da irmã de Moisés. Maria significa, etimologicamente, “dom de Deus”. Os textos apócrifos, especificamente o Protoevangelho de Tiago, afirmam que seus pais eram Joaquim e Ana. Possivelmente ela teria entre quatorze e dezesseis anos quando ficou noiva de José, carpinteiro de Nazaré e descendente da casa real de Davi. Ela não teme acolher um projeto maior que o seu e de seu noivo e entrega-se totalmente a esta misteriosa presença que a visita e anuncia sua maternidade.

Sabemos, pelos relatos evangélicos de Lucas e Mateus, que a sagrada família de Nazaré vivia modestamente. Os sóbrios dados que os textos bíblicos nos oferecem não impedem de traçarmos o perfil da vida de Maria. Ela vivia em sua casa (Lc 1,56) e, depois das núpcias, foi morar na casa de José (Mt 1,24 e 2,23). Sua subsistência era garantida pelo trabalho artesanal de José e de Jesus (Mt 13,5; Mc 6,3). É uma família de condição tão simples que não tem sequer a possibilidade de oferecer, na apresentação de Jesus, mais do que um casal de pombos – esta era a oferta dos pobres daquele tempo.

Historicamente o que conseguimos saber é que Maria de Nazaré viveu do mesmo modo que tantas outras mulheres de seu tempo. Elas vestiam uma túnica e sobre esta colocavam outra, como uma espécie de capa ampla – vestimenta obrigatória para aparecer diante dos outros. Esta capa servia também para abrigá-las do frio e, à noite, podia ser utilizada como cobertor.

A Mãe de Jesus não aparecia em público com os cabelos soltos, porque isso não era concebível naquela sociedade. Certamente ela colocava um véu colorido e bordado que lhe caía até a cintura, firmando-o na cabeça com círculos de pano ou corda. Maria vivia como uma simples aldeã de Nazaré e cumpria a tradição de seu povo.

Além desses poucos dados, não faltou quem tentasse descrever a Mãe de Jesus. Há uma des-



crição sobre Maria que remete ao século XIV, e chegou até nós pelo autor grego Nicéforo Calisto, que se baseou em uma fonte mais antiga, teria recorrido a textos de Epifânio, que viveu entre 320 e 404. Nicéforo assim descreve a Mãe de Cristo: “A Virgem não era de estatura alta, embora alguns digam que superava os limites da média (...). Cabelos castanhos, e olhos vivos, a pupila um pouco esverdeada. As sobrancelhas arqueadas e pretas; o nariz um pouco alongado; os lábios vermelhos e cheios de suavidade no falar. O rosto nem redondo nem comprido, mas levemente oval, as mãos e os dedos finos e longos...”¹

Na verdade, não conhecemos qual era o rosto da Virgem Maria, conforme afirma Santo Agostinho². Toda curiosidade sobre seu aspecto físico está intimamente ligada ao fato dessa mulher concreta ter se tornado a Mãe de Deus.

¹ *Patrologia Grega* 145,185.

² - Cf. SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate*, VIII, c.5, p.269.

João Pozzobon e as famílias

Irmã Maria da Graça Sales Henriques
Irmã de Maria de Schoenstatt

O lema da 78ª Romaria Estadual da Medianeira resgata uma prioridade pastoral dos últimos papas, que destacam a importância da família como baluarte da fé frente à secularização e à crise de valores do mundo moderno. Efetivamente, mais do que nunca, as famílias necessitam hoje da proteção da Mãe Medianeira e de São José, neste ano a ele dedicado. O lema poderia ser escolha de João Pozzobon, cuja intercessão acompanhará sem dúvida esta oração dos romeiros de 2021.

Com o início da Campanha da Mãe Peregrina, Pozzobon abraça a missão de evangelizar as famílias, três anos mais tarde escreve ao seu bispo: "... ainda que pobrezinho.., no meu interior uma voz me diz: debes ir rezar o terço nas famílias. Tomei isso a sério como palavra de Maria...". O seu método pastoral é tão simples como eficaz: anota os membros das famílias que visita, onde necessário prepara para o sacramento do matrimônio e o batismo dos filhos e reconduz à comunhão com a Igreja.

Descreve com realismo os desafios que enfrenta como "violenta evolução à modernização", "pouca oração, muita televisão e poucos sinais cristãos". Antevendo, de certa forma, a "agenda de gênero" que corrói as relações matrimoniais e familiares, constata: "O homem de hoje perdeu o rumo e a mulher perdeu a direção". Mas não cai no derrotismo: "a Mãe Celestial, ... quer levar todos ao conhecimento da verdade, alertando para que ninguém se engane com as verdadeiras leis de Jesus que



geralmente são conhecidas e memorizadas, mas com pouca vida". "Há grandes frutos com a bendita imagem e com o terço", escreve ao bispo de Uruguaiana, em 1956. Quando hoje nos parece que só as guerras e a violência, a corrupção e todo o tipo de catástrofes ocupam o palco da história, João nos ensina a viver na esperança, sob a proteção de Maria, e a permanecermos fiéis às leis de Jesus, não somente na memória, mas sobretudo na vida. Acima de tudo, João nos encoraja a ir ao encontro de famílias e pessoas na nossa vizinhança nas quais uma visita e uma oração podem contribuir para reacender a chama da fé.

Em centenas de cartas a sacerdotes, bispos e ao próprio Papa S. Paulo VI, o "pobre diácono" testemunha: "Descobrimo a Mãe, descobrimo o Filho, descobrimo o Filho

descobre-se o Pai", e se experimenta, enfim, "a força do Espírito Santo". João não se cansa de testemunhar a razão da sua esperança: Maria nos conduz, em Cristo, à plenitude da Vida na Trindade. Tomado por esta experiência, em dezembro de 1958 escreve ao seu bispo: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, um dia chegaremos ao seio da Santíssima Trindade".

Colhemos esta mesma mensagem ao contemplar o ícone de Nossa Senhora Medianeira: É vontade de Deus que tudo recebamos por Maria. "TUDO" é o próprio Cristo, enviado pelo Pai, e encarnado por obra do Espírito Santo. Cristo derrama sobre a Mãe Medianeira a sua graça que, através dela, envolve o mundo. Envolve a todos nós. Envolve a sua família, envolve a você e a mim.

Como enfr

A dor causada pela separação de uma pessoa amada precisa ser vivenciada. O tamanho da dor vem proporcionalmente à intensidade da relação afetiva que fora nutrida na comunhão em vida.

Quando ocorre em nossa jornada, de maneira inesperada ou esperada uma separação, provavelmente sentiremos a dor, o desamparo e a impotência frente ao acontecimento. Chesterton (2008) já apontava para algo que pode soar muito corriqueiro, mas por vezes, é pouco percebido pelas pessoas. Ele constatava que, quando planejamos as coisas para o nosso futuro e observamos os reais acontecimentos, por vezes, somos potencialmente aptos a perceber algumas das adaptações inesperadas. Estas adaptações surgem como contrapontos às supostas irregularidades imprevistas. Muitas destas adaptações não são percebidas diretamente, pois nos escapam da consciência.

Dessa forma, quando a morte aparece em nossa jornada como um acontecimento inesperado ou esperado, ela nos comunica, de forma implacável, a finitude e o mistério da existência humana. A separação, causada pela morte, implica o fim da concretude sensorial do encontro com a pessoa que morreu, encontros estes, que potencialmente ou realmente traziam em sua essência, a experiência do amor.

A dor causada pela separação de uma pessoa amada precisa ser vivenciada. O tamanho da dor vem proporcionalmente à intensidade da relação afetiva que fora nutrida na comunhão em vida. A solidão causada pelo arrebatador afastamento desafia a ordem lógica de qualquer compreensão física e nos lança para uma vastidão incompreensível, na qual somos desafiados a perceber a atitude amorosa como a única forma de ingressar, de forma vivencial, no conceito da eternidade. Segundo Frankl (2020) o amor vivenciado para além da corporeidade, ultrapassada no encontro com a pessoa viva, pode também ultrapassar a morte e a separação. Porém, quando estamos impedidos neste desafio de experienciar a nossa dor, algumas atitudes podem contribuir ou não para a consciência desta experiência.

Segundo Lavelle (2000), o que não contri-

rentar o luto?

Felipe Schroeder de Oliveira e
Fernanda Real Dotto
Professores UFN

bui para a vivência da dor seria o abatimento, sustentado pela dor mais extrema, mais intensa e abrangente. Da mesma forma, a revolta, expressa por atitudes que ocorrem com a ausência de limites, expressa a vontade de aniquilação do mundo e de forma indissociável, de si mesmo. Outra atitude evitativa seria a de nutrir a separação e o isolamento social, sustentado pela indiferença frente à novos possíveis encontros. Na mesma direção podem também ser observadas atitudes por uma busca de si mesmo, de uma forma individualista, num movimento de reflexão existencial que busca o isolamento social que pode levar a um doloroso egoísmo.

Já atitudes que podem auxiliar e possibilitam a experiência da dor de maneira consciente, integrando-a à experiência imediata, está a advertência. Na advertência as potencialidades do organismo se unem na direção da proteção do mesmo frente aos obstáculos do momento. Outra atitude positiva seria o aprimoramento e o aprofundamento gerados, pela busca de uma relação sensível com o mundo, fazendo com que a pessoa consiga definir melhor o contraste entre sensações antagônicas, como a da dor e do prazer.

Assim, Outeiral (2013) salienta que quanto mais aprofundarmos a natureza da temporalidade no mundo, melhor compreenderemos que duração pode ser “invenção”, pode ser criação de formas, criação de como lidar com tais sensações antagônicas. Vivenciar a elaboração contínua do inteiramente “novo”,

sempre lembrando que existe uma memória. Como disse, Santo Agostinho (354-430): “o coração é a sede da memória”. A linguagem das lembranças representadas pelas tecnologias digitais, fotografias, vídeos e nas relíquias guardadas, não como saudade de um tempo que não volta e sim como um passado que aponta para novas criações e sonhos.

Frente ao desconcerto dessa passagem do tempo, é preciso lembrar que o devir é sempre um encontro com aquilo que seguimos nos tornando, com a possibilidade de seguir em transformação, com o cuidado de não se aprisionar num automatismo, pois assim a vida adormece.

A dor causada pela morte e pela separação precisa ser vista como parte do nosso desenvolvimento. É importante salientar que não podemos confundir a busca pela dor como forma de crescimento pessoal, pois se assim o fizermos, nutriremos um movimento justificado pelo orgulho e pela busca de uma enganosa e frágil fantasia de superioridade em relação aos outros humanos mortais. A comunhão, enquanto atitude de renovação na retomada pela vida, se faz possível quando também conseguimos entrar em comunhão com nossa dor, tornando-a parte integrante nosso organismo, algo que nos oferece um ponto de referência, do qual podemos partir para tornar nossas relações mais intensas, verdadeiras e consistentes.

Por fim, o que fica da experiência passada do encontro com as pessoas que já faleceram é o amor eterno que possa ser perpetuado de uma maneira saudável, integrando a dor da separação em nosso cotidiano, mas sem perder de vista a responsabilidade na construção de novas experiências de amor, que por sua vez, também podem gerar novas experiências eternizadas em nossas vidas.

REFERÊNCIAS:

- Chesterton, Gilbert (2008) Ortodoxia. Editora Mundo Cristão, São Paulo-SP.
Frankl, Viktor Emil (2020) O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da Psicoterapia. Editora É realizações, São Paulo – SP;
Lavelle, Louis (2000) O mal e o sofrimento. Editora É Realizações, São Paulo, SP.
Outeiral, José; Mendonça, Adriana; Souza, Denise; Santos, Stela; Moura, Luiza (Org.). 2013. Amadurecer: ensaios sobre a velhice. Editora Maresfield Garden, Curitiba- PR.

Calendário Vocacional 2022

Seminarista Bruno Gross da Silva

Todos os anos, com o objetivo de apresentar os seminaristas para a comunidade arquidiocesana e arrecadar fundos para auxiliar na manutenção do Seminário Maior São João Maria Vianney são produzidos calendários vocacionais.

A edição de 2022 apresenta, além das datas, imagens e orações relacionadas a eventos católicos que marcam cada mês.

Também traz uma nova forma de distribuição. Os seminaristas, divididos em equipes, visitarão todas as paróquias e realizarão a promoção vocacional com a distribuição dos calendários ao Povo de Deus. Aqueles que receberão o impresso serão convidados a colaborar, espontaneamente, com auxílio financeiro, além de orações.

As visitas acontecerão nos meses de novembro e dezembro e o seminário conta com a sua colaboração, de forma concreta para a formação dos futuros presbíteros.

Deus abençoe a todos!



Já pensou ter conta sem custos,
consultoria financeira e participação
nos resultados para você, para sua
empresa ou agronegócio?

Sim,
Sicredi!

Fale conosco pelo WhatsApp (51) 3358.4770 ou visite uma de nossas agências.



Aprender com a morte

Pe. Celito Moro

No frenesi em que estávamos imersos, fomos surpreendidos com a COVID 19, que levou a nos darmos conta que tínhamos que parar, e nos cuidar. Este vírus revelou que somos frágeis e vulneráveis e que, de certa forma, a morte está sempre à nossa espreita. Quem de nós não foi surpreendido pela morte de pessoas queridas, conhecidas, amigas e familiares que estavam bem e que ao contraírem o coronavírus, em poucos dias foram a óbito? E, além de sermos surpreendidos pela morte, não tivemos a oportunidade de celebrar o velório e nem o funeral de nosso ente querido, e isso gerou um grande trauma. Já em 1995 os bispos alemães escreveram que “diante do trauma da morte a conduta humana reagiu socialmente com os ritos do luto, que não pretende remover a morte, mas antes realizar uma aceitação realista e promover a superação do choque, pesquisando o sentido da vida que continua e da morte que aconteceu” (Episcopado alemão

1995). Diante desta realidade nova e inusitada, a morte de novo nos choca e questiona as nossas falsas seguranças. Ao mesmo tempo, a nossa experiência de uma fé comunitária, e o evento Jesus Cristo com a referência à sua hora, segundo o evangelho de João, nos colocam diante da morte como um momento crucial e como o momento da glorificação e da passagem para a Ressurreição. No Crucificado-Ressuscitado todos nos encontramos como Igreja militante e como Igreja da Glória que vive uma profunda comunhão: a chamada comunhão dos santos.

Um grande psiquiatra inglês, especialista em ajudar pessoas enlutadas, escreve que “o religioso ou o médico que pode achar tempo para permitir a uma pessoa enlutada falar sobre seus sentimentos e temores estará dando uma nova dimensão ao aconselhamento e maior profundidade à sua relação com essa pessoa.”

É importante levar em conta que a partir desta realida-

de nova que muitas de nossas famílias viveram e estão vivendo, com o fato de não poder celebrar velório e o funeral, podemos entender um pouco o trauma que se estabelece. E diante disso cresce a necessidade da nossa proximidade como comunidade de fé, especialmente por parte do sacerdote ou o ministro qualificado para estar presente neste momento. Ministro que necessariamente deverá marcar uma presença especial rezando com a família no momento da passagem, ou em outro momento, fazendo uma visita, sendo aquela presença especial de uma escuta empática, amiga e desinteressada. Presença como alguém que se coloca a serviço, dando uma especial bênção, e uma palavra de encorajamento. Na verdade, a experiência que estamos vivendo com a pandemia nos leva a recolocar novamente as questões fundamentais da vida e nos desafia a recolocarmos a questão sobre nossa caminhada para a vida eterna.



Assembleia do Clero

Pe. Bertilo Morsch



No dia 5 de outubro, no Seminário São José, aconteceu a primeira Assembleia do Clero após a posse de Dom Leomar como Arcebispo. O encontro teve como principal objetivo apresentar as novas diretrizes para a Arquidiocese. Participaram todos os padres diocesanos, religiosos, diáconos, bispos e leigos que atuarão nas comissões.

Os tópicos formação, evangelização, comunicação e gestão formaram a pauta do dia, além da discussão de assuntos administrativos das paróquias.

A comissão de formação mostrou o projeto pedagógico para formação dos futuros presbíteros da Arquidiocese segundo a *“Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis”*. Tendo presente as questões: qual a eclesiologia que norteia a formação dos futuros presbíteros? Que perfil de egresso queremos no final do processo formativo? E o que nos orienta:

Teologia do Concílio Vaticano II, espiritualidade do padre diocesano, caridade pastoral como eixo determinante. Partindo de três eixos em todas as etapas: formar a pessoa, formar o discípulo e formar o presbítero. Também foram trazidas à tona preocupações com a formação dos diáconos permanentes.

A comissão da ação evangelizadora explicou o processo da escuta qualificada. Através dos dados da pesquisa se tem um cenário de nossas forças, fraquezas, ameaças e oportunidades. Além de nortear a atuação das pastorais e comissões, de forma a realizar ações mais harmônicas com toda a Igreja.

A comunicação trouxe ao público o novo logotipo da Arquidiocese, os novos formatos de envio da mensagem semanal do arcebispo: “Olhar da Fé”, e os dados do programa À Luz da Fé, produzido pelos seminaristas e professores da FAPAS. O jornal O Santuário

será mais focado na formação de discípulos missionários.

A comissão de gestão foi apresentada e destacou importância de formamos um todo, principalmente diante das questões tributárias e fiscais. Surge o compromisso do agir responsável.

Os debates levantaram a preocupação de não querer clericalizar os leigos, mas também, não ofuscar a sua vocação específica, onde todos possam contribuir para a vitalidade e a beleza do conjunto. Portanto, temos necessidade de continuar o processo da escuta alinhados com o sínodo. Veremos juntos os desafios, os problemas, os projetos. As motivações são sinais de despojamento, de estarmos abertos para novas conquistas, nunca fugindo do ideal anunciado e mostrado por Cristo.

Foi um momento positivo, de abertura e acolhida de projetos e iniciativas surgidos diante de desafios e necessidades atuais, período muito forte de renovar as nossas esperanças, retomar a unidade de caminhada pastoral, rever o nosso seguimento como discípulos missionários e nos desafiarmos para o novo. Na Igreja, Povo de Deus, cada um tem uma tarefa a cumprir, cabendo-lhe ser fiel em descobri-la e realizá-la. Quem se dispõe a sentar junto, rezar junto, refletir junto mostra o desejo de buscar sempre mais este ideal maior.

Catequese em 2022

Catequista Elisete Rodrigues Vianna

Um novo tempo de alegria, esperança e luzes começa a surgir, estamos retornando com nossas vidas à normalidade e da mesma forma em nossas comunidades. Para o próximo ano esperamos retornar com nossos encontros presenciais, celebrações e ritos com mais efetividade e ardor.

Na primeira reunião com Dom Leomar foram apresentados alguns horizontes para a Catequese Arquidiocesana em 2022. Continuaremos utilizando o material das Paulinas, inspirado em um projeto de iniciação cristã que visa formar discípulos missionários de Nosso Senhor Jesus Cristo, na comunidade-igreja. As publicações apresentam o método da Leitura Orante da Bíblia, que será adotado em todas as etapas da catequese em nossa Arquidiocese. Assim é importante conhecê-lo e ofertá-lo a todas as nossas comunidades.

São os seguintes subsídios:

Casa da Iniciação Cristã: Eucaristia 1
A História da Salvação

Casa da Iniciação Cristã: Eucaristia 2
Jesus Cristo

Casa da Iniciação Cristã: Crisma 1
A fé da Igreja

Casa da Iniciação Cristã: Crisma 2
O seguimento de Jesus

Casa da Iniciação Cristã: Adultos



A Catequese de Primeira Eucaristia e Crisma será com dois anos de preparação em cada etapa. Para o próximo ano iniciaremos grupos novos ou segundo ano. Exemplo: quem iria iniciar o segundo ano em 2020, poderá reiniciar em 2022. As turmas já em andamento, deverão concluir ainda esse ano antes de iniciar o próximo. No mês de março teremos um período de 20 dias para inscrições, em todas as nossas Paróquias. Buscaremos a unidade no tempo, período e ritos em nossa arquidiocese.

No dia 19 de março será celebrada a missa de envio, presidida por Dom Leomar e serão convocados todos(as) os(as) catequistas de nossa Arquidiocese.

Antes, esperamos as coordenações de catequistas com seus párocos, para um encontro presencial com o Arcebispo e equipe da IVC para acolhida e melhor direcionamento para o próximo ano visando concretizar esta unidade. A reunião será no dia 11 de dezembro, sábado, às 9 horas, na Basílica da Medianeira.

A árvore do nosso quintal pode estar envenenada

Pe. Alison Valduga, SAC

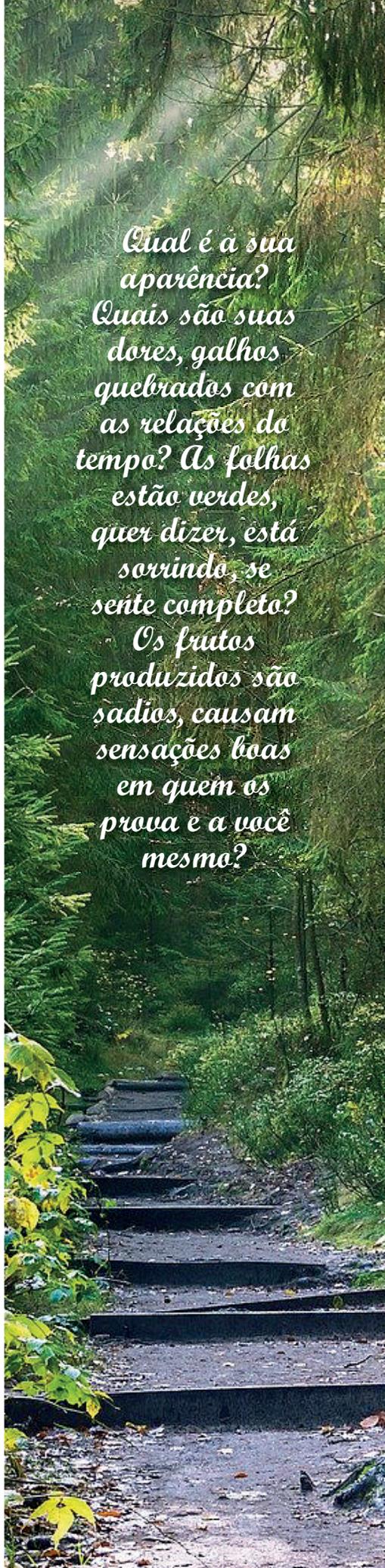
O símbolo da árvore é significativo para falarmos de nós como pessoas que buscam crescer. Pensemos nas raízes da árvore que buscam e selecionam todos os nutrientes que se encontram na terra. O tronco possibilita que a transmissão dos nutrientes coletados pelas raízes cheguem até as folhas e frutos. Os galhos são os que possibilitam o crescimento das folhas e essas abrigam os frutos e produzem oxigênio. Assim como a árvore precisa de um ambiente propício para o seu crescimento assim também nós seres humanos precisamos.

Se o ambiente em que a árvore está plantada falta algum elemento necessário, é possível notar que as folhas amarelam, os frutos caem antes do tempo e assim por diante. No caso da pessoa humana, se no ambiente em que ela cresce falta algum elemento imprescindível, se formam as chamadas feridas primordiais. As feridas primordiais são aqueles, abusos, retiros de afeto, ausências de amor etc, sofridos na infância e que foram internalizados permanecendo arquivados no inconsciente. Esses, de tanto em tanto, devido a alguma situação da vida adulta, vêm à tona causando sofrimento.

Por exemplo: uma criança vivendo em um ambiente com os pais alcoólatras onde ela precisava, de certa forma, cuidar de si e dos pais, acabou por carregar um fardo maior do que poderia. Essa relação acabou por criar na criança raiva dos pais, mas como eram seus pais, ela não podia manifestar, pois no fim das contas, ela precisava deles para sobreviver, ou seja, não tinha outras alternativas a não ser adaptar-se a política da família. Com o passar dos anos, a criança cresceu e a raiva não desapareceu, mas estava guardada nos porões psíquicos. Como não tendo quem atacar, a criança agora crescida, passa a atacar a si mesma vivendo quadros depressivos, dependências e sintomas de dores no corpo a causa da somatização.

Por que agora adulta essa pessoa vive tudo isso? Voltemos ao símbolo da árvore para explicar o que acontece. Assim como a raiva estava armazenada lá nas profundezas da pisque e nunca foi a ela dada voz, tornou-se uma energia que, em vez de nutrir a árvore a estava intoxicando. As raízes sugavam dos porões do ser o veneno e não o nutriente. Com o tempo os frutos dessa árvore se tornaram tóxicos, conseqüentemente envenenando, magoando os outros ao seu redor, como também a pessoa mesmo, em cuja alma tal fruto cresceu.

Vamos observar a nossa árvore, ou seja, o nosso ser. Qual é a sua aparência? Quais são suas dores, galhos quebrados com as relações do tempo? As folhas estão verdes, quer dizer, está sorrindo, se sente completo? Os frutos produzidos são sadios, causam sensações boas em quem os prova e a você mesmo? Considero importante analisar o que dentro de você precisa ser dado voz a fim de que não se torne um nutriente tóxico para sua árvore, ou seja, para o seu eu.



*Qual é a sua
aparência?
Quais são suas
dores, galhos
quebrados com
as relações do
tempo? As folhas
estão verdes,
quer dizer, está
sorrindo, se
sente completo?
Os frutos
produzidos são
sadios, causam
sensações boas
em quem os
prova e a você
mesmo?*



Caminho para a Vida Plena

Irmã Helena Biesdorf

Nesse mês de novembro em que lembramos, na celebração dos finados, nossos entes queridos que já partiram dessa vida, somos direcionados a nos confrontar mais intimamente com a realidade da morte. Apesar da certeza de que todos um dia morreremos, na maioria das vezes não gostamos de pensar nela. Como podemos, à luz da fé, acolher a morte com mais naturalidade, apesar da dor que ela provoca?

São Francisco de Assis, quase no final da vida, compôs o Cântico das Criaturas. Neste cântico louva a Deus Altíssimo e Onipotente por todas as criaturas: sol, lua, estrelas, vento, água, fogo, terra. Quanto ao ser humano, expressa o louvor por aqueles que perdoam. E pouco antes de morrer acrescenta a última estrofe: “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal da qual nenhum ser vivente pode escapar”. Francisco viveu com tanta plenitude sua vida, que a até a morte é uma Irmã a ser acolhida com louvor, pois é o passo definitivo para o encontro com Deus.-

Numa primeira análise e visão mais superficial, parece que essa estrofe da “Irmã Morte” não combina com o restante do cântico. O cântico que expressa tanta alegria e gratidão pela beleza do Criador presente na natureza, traz essa realidade tão dolorida da morte. O Frei Brás J. da Silva, no seu estudo sobre o Cântico, comenta que São Francisco ao perceber a proximida-

de da morte, sente uma profunda gratidão por cada momento vivido. Que em todo o caminho de conversão, a realidade da morte está presente na vida de São Francisco, desde o encontro com o leproso. (SILVA, 2010, p. 353 - 354). Neste encontro Francisco teve que morrer para a realidade vivida até então e ressuscitar para a vida nova para a qual Deus o estava chamando. Ou seja, para acolher a morte como irmã, no final da vida, Francisco já havia experimentado várias mortes e também ressurreições em seu caminho de conversão.

O exemplo de Francisco nos ensina que em nosso peregrinar neste mundo, como cristãos somos chamados a viver um constante caminho de conversão e vivência, em muitos momentos, do mistério pascal de morte e ressurreição. Há um ditado popular que diz: “Para morrer bem, basta viver bem”. Neste sentido, viver bem significa, morrer para nós mesmos para acolher a vida nova em Cristo. Acolhendo a vontade divina em nossa vida, como São Francisco, poderemos ser mais livres e confiantes na entrega total a Deus, autor da vida.

A alegria que Francisco de Assis expressa no Cântico das Criaturas se completa com a acolhida da Irmã Morte, pois essa é a porta de passagem para o encontro definitivo com o Autor da beleza da criação.

Referências:

TEIXEIRA. C.M (org). Fontes Franciscanas e Clarianas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA, Brás José da. A fraternidade Cósmica na perspectiva do Cântico das Criaturas: uma contribuição de São Francisco de Assis para a teologia mística. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/37870/37870_7.PDF> .Acesso em: 13 de out. 2021.

Santo Antônio – Patronato (Santa Maria)

No dia 30 de setembro aconteceu o segundo encontro de Formação Bíblica “Deus se revela nas Escrituras”, realizado pelos seminaristas de Teologia da FAPAS - Bruno, Tobias e Anderson. A atividade terá continuidade nas últimas quintas-feiras de cada mês. A comunidade está convidada a participar.



Nossa Senhora Aparecida (Santa Maria)



A comunidade homenageou os Santos padroeiros, - N. Sr.^a Aparecida, Santa Terezinha, São Francisco e São Gabriel Arcanjo. O Tríduo à N. Sr.^a Aparecida ocorreu nos dias 09,10,11 de outubro, no dia 12 de outubro, a procissão e Missa Festiva com Bênção da Saúde.

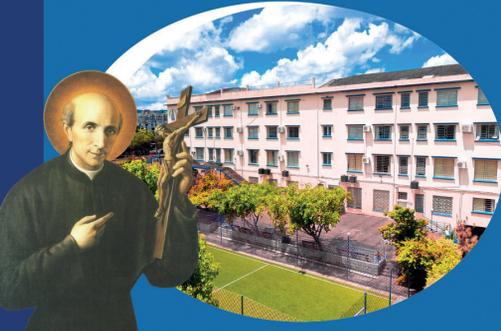
Nossa Senhora do Rosário (Ivorá)

Aconteceu no dia 17 de outubro a Festa em honra à Nossa Senhora do Rosário, na Paróquia de Ivorá com o tema “Mãe do Rosário, renovai-nos e fortalecei-nos”. A programação iniciou com a novena e o encerramento aconteceu dia 18 com a Missa festiva na igreja Matriz.

Santo Antônio (Silveira Martins)

O casal Aristeu Machado de Azevedo e Nair Terezinha Bianchin de Azevedo comemorou suas Bodas de Ouro, no Santuário da Pompéia, no dia 2 de outubro. Residentes na localidade de Vale dos Panos, em Silveira Martins.







Colégio Fátima
Educação e Humanização

Berçário
Educação Infantil
Anos Iniciais
Anos Finais
Ensino Médio

MATRÍCULAS ABERTAS

Av. Presidente Vargas, 1449. Fone: (55) 3033.8950 | www.colegiofatima.com.br



31 de outubro

Trezena penitencial – Santuário-Basílica Nossa Senhora Medianeira. (até 12/11)

15 horas – Carreata pelas ruas da cidade.

20 horas – Início da trezena na Catedral Metropolitana.

01 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora da Glória

02 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia São João Evangelista.

03 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

04 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia da Ressurreição.

05 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora das Dores.

06 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Santo Antônio.

07 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

08 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nosso Senhor do Bom Fim.

09 de novembro

19h30 - 14ª Etapa da ECEP - Escola Cristã de Educação Política.

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

10 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia São José do Patrocínio.

11 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

12 de novembro

20 horas - Trezena na Paróquia Santa Catarina.

13 de novembro

15 horas - Missa da saúde na Basílica da Medianeira.

18 horas – Início da Vigília no Santuário-Basílica. Ampliada Estadual de CEBs em Rio Grande

14 de novembro

78ª Romaria em Honra à Nossa Senhora Medianeira

10 horas – Missa oficial da Romaria no Altar Monumento

12 horas – almoço do Dia do Pobre

21 de novembro

7 horas - 4ª Assembleia Nacional do MOBREC – Vale Vêneto

8 horas - 9ª Etapa do Curso de Teologia – Encerramento

5ª Jornada Mundial dos Pobres

Irmã Lourdes Dill, FDC

“Sempre tereis pobres entre vós” (Mc. 14,7).

O rosto de Deus mostra que Ele é Pai para os pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto de uma fatalidade, mas sinal concreto de Sua presença no meio de nós. Os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a serem evangelizados e chamados a partilhar as Bem-aventuranças. Os pobres nos permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. É preciso que deixemo-nos evangelizar pelos pobres.

A 5ª Jornada Mundial dos Pobres, neste momento de Pandemia da Covid 19, onde a pobreza, a miséria, a fome e o desemprego atingem os mais pobres, nos desafia para ações concretas. Por outro lado, crescem formas gigantescas de exploração e lucro a partir da pandemia, ganham a partir dos pobres, de forma assustadora. Neste contexto podemos afirmar que a “Nossa Solidariedade Transforma Vidas”, constrói caminhos e fortalece a Rede de Solidariedade.

É necessário ter esperança, conjugando os verbos esperar e profetizar para encontrar respostas em busca dos pobres e excluídos. Eles não são pessoas “externas” à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes devolver a dignidade perdida e garantir a necessária inclusão social.

Urgem respostas concretas aos que padecem pelo desemprego, fome e exclusão social de maneira dramática. A solidariedade social e a generosidade de muitos, juntamente com projetos clarividentes de promoção humana, dão importante contribuição nesta conjuntura que se propõe salvar vidas, colocando-as em primeiro lugar. É preciso

fortalecer a “Globalização de Solidariedade”.

Que, inspirados pelo dia Mundial dos Pobres, possamos ver cada vez mais em nossas igrejas locais, organizações, sindicatos, cooperativas, pastorais e comunidades realizar gestos concretos, proféticos, solidários e transformadores a serviço dos pobres.

Na Terra quase um bilhão de pessoas passam fome, no Brasil são 20 milhões e em Santa Maria em torno de 22 mil famílias vivem abaixo da linha da pobreza extrema.

Existem, em Santa Maria, mais de 20 grupos a partir da pandemia do Covid 19 que produzem os alimentos para distribuir nas vilas e bairros aos mais pobres, especialmente crianças, idosos e desempregados. São ações solidárias feitas por entidades e organizações, cidadãos e cidadãos comprometidos com a causa dos pobres e excluídos.

Um gesto concreto será realizado no dia 14 de novembro, durante a 78ª Romaria da Medianeira, na 5ª Jornada Mundial do Pobre, quando será oferecido um almoço para 200 pessoas em situação de vulnerabilidade social no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter. A ação, com a presença de Dom Leomar Brustolin, que vai almoçar junto com outras lideranças, será um gesto profético neste dia tão significativo, junto com o Papa Francisco.

Concluo com a sábia frase de Dom Hélder Câmara: “Quando dou comida aos pobres me chamam de Santo. Quando pergunto por que o pobre passa fome, um problema estruturante, me chamam de Comunista”. “Quem tem fome tem pressa” (Herbert de Souza, o Betinho).

fotos Vatican News



Sínodo dos Bispos

“Eis o tempo da escuta”

Pe. Gerson Gonçalves.

Neste mundo globalizado, os meios de comunicação podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns aos outros; a fazer nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida digna... não podemos aceitar um mundo digital projetado para explorar as nossas fraquezas e trazer à tona o pior das pessoas.

(Francisco- Fratelli Tutti)

Sinodalidade

Ao convocar o Sínodo, o Papa Francisco convida toda a Igreja a refletir sobre um tema que é decisivo para sua vida e missão. É precisamente este caminho de sinodalidade que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.

Sínodo é uma palavra antiga e venerável na tradição da Igreja, se inspira nos temas mais profundos da revelação, indica o caminho que o Povo de Deus percorre. Da mesma forma refere-se a Cristo Jesus, que se apresenta como o Caminho, a Verdade e a Vida, se você não se lembra os seguidores de Jesus Cristo já foram chamados de seguidores do Caminho.

Sinodalidade denota o estilo particular que qualifica a vida e a missão da Igreja, Povo de Deus que caminha junto e se reúne em assembleia, con-

vocado por Jesus na força do Espírito Santo para anunciar a Boa nova do Evangelho. A sinodalidade permite que todo o Povo de Deus caminhe junto, ouvindo o Espírito Santo e a Palavra de Deus, para participar da missão da Igreja na comunhão que Cristo estabelece em nós.

Objetivo do Sínodo

A Igreja reconhece que a sinodalidade é parte integrante de sua própria natureza. Ser uma Igreja sinodal encontra expressão em concílios ecumênicos. Sínodos de Bispos, Sínodos diocesanos e conselhos diocesanos e paroquiais. Existem muitas maneiras pelas quais experimentamos formas de sinodalidade em toda a Igreja. Ser uma Igreja sinodal não se limita a essas instituições existentes. Sínodos recentes examinaram temas como a nova evangelização, a família, os jovens e a Amazônia, o presente Sínodo enfoca o tema da sinodalidade em si.

O objetivo do atual Sínodo é ouvir, como Povo de Deus, o que o Espírito Santo diz à Igreja. Fazemo-lo ouvindo juntos a Palavra de Deus na Escritura e a Tradição viva da Igreja, e depois ouvindo uns aos outros, e especialmente aos marginalizados, discernindo os sinais dos tempos. Todo o processo sinodal visa promover uma experiência vivida de

discernimento, participação e corresponsabilidade, onde se reúnem diversos dons para a missão da Igreja no mundo.

O Sínodo não visa produzir mais documentos, pretende inspirar as pessoas a sonharem com a Igreja que somos chamados a ser, estimular esperanças, curar feridas, a tecer relações novas e profundas, aprender uns com os outros, construir pontes e aquecer corações.

Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão

Em outubro de 2015, o Papa Francisco declarou que “O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. É o apelo para cooperar na missão da Igreja, é um convite direto a todo o Povo de Deus, chamados a contribuir, essa mudança exige uma conversão pessoal e comunitária.

Processo Sinodal

As três dimensões do tema são comunhão, participação e missão, e estão profundamente relacionadas. São pilares vitais de uma Igreja Sinodal. Não há hierarquia entre elas, cada uma enriquece e orienta as outras duas.

Fase nas Igrejas Particulares

(outubro de 2021 a março de 2023)

O Sínodo tem três fases distintas, a primeira fase nas Igrejas particulares, de outubro de 2021 – março de 2022, a segunda fase, chamada de Continental será de setembro de 2022 à março de 2023 e a terceira fase chamada de Fase da Igreja universal em outubro de 2023.

A fase preparatória tem como finalidade a consulta do Povo de Deus sobre o tema da Assembleia do Sínodo.

A história da Igreja testemunha amplamente a importância do processo consultivo, para se conhecer o parecer dos Pastores e dos fiéis no que diz respeito ao bem da Igreja. Assim, é de grande importância que, mesmo na preparação das assembleias sinodais, receba especial atenção a consulta de todas as Igrejas particulares.

Nesta primeira fase os Bispos submetem as questões que devem ser tratadas na Assembleia sinodal, aos Presbíteros, Diáconos e fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados. Sobretudo pode revelar-se fundamental a contribuição dos organismos de participação da Igreja particular, especialmente o Conselho Presbiteral e o Conselho Pastoral, a partir dos quais verdadeiramente pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal.



Por uma Igreja sinodal
comunhão | participação | missão

Consulta do Povo de Deus

Esta consulta do Povo de Deus realiza-se nas Igrejas particulares por meio das Conferências Episcopais. Em cada uma das Igrejas particulares, os Bispos realizam a consulta do Povo de Deus servindo-se dos Organismos de participação previstos pelo Direito.

Cada uma das Igrejas particulares enviará a sua contribuição à Conferência Episcopal que pertence.

Equipes Diocesanas

Cada Bispo nomeará um responsável diocesano da consulta sinodal, que possa atuar como ponto de referência e de ligação com a Conferência episcopal e que acompanhe a consulta na Igreja particular em todas as suas etapas.

A missão da equipe Diocesana consiste em promover a animação do processo sinodal

a nível diocesano, favorecer o envolvimento de todas as forças vivas da diocese, oferecer experiências formativas sobre o tema do Sínodo.

Considerações finais

Somos uma Igreja Sinodal, estamos a caminho e juntos buscamos contribuições. O Sínodo é um caminhar juntos, nos ajudando, promovendo num mutirão de reflexões e sugestões. A Igreja não quer discursos prontos, como Mãe, quer ouvir seus filhos, é uma Igreja aberta, em saída.

Somos uma Igreja que a luz do concílio Vaticano II está reavivando a chama da nossa fé. Batizados e chamados, nutridos pela Eucaristia conclamamos o Povo de Deus a fazer a experiência da Sinodalidade.

Nas próximas edições maiores informações, traremos outras informações. Estamos juntos na construção do Sínodo.